

A FEMINILIDADE DA MULHER NA CULTURA CIGANA E SUA IMPORTÂNCIA NA DANÇA SAGRADA

Maria Raquel Alves da Rocha

Universidade Federal do Piauí (UFPI), raquelalvesrocha@hotmail.com

Resumo

A pesquisa desenvolvida no programa de pós-graduação em Antropologia (Ppgant), no biênio 2017-2019, trata sobre a feminilidade da mulher cigana nas relações de desigualdade de gênero e sua importância na plasticidade corporal na dança, bem como sua relevância nos oráculos ciganos. A pesquisa justifica-se por contribuir substancialmente no sentido de aperfeiçoar os estudos já realizados sobre as relações de gênero dentro do espaço religioso, bem como estimular pesquisas sobre as atividades dos ciganos dentro de sua etnia. Fizemos a pesquisa bibliográfica, e a pesquisa exploratória em visitas ao acampamento cigano umbandista Devlesa Avilan, em Teresina, capital do estado do Piauí. A problemática da pesquisa propõe refletir sobre como se configura a feminilidade da mulher na cultura cigana e qual sua relação com a dança sagrada dos rituais ciganos. Temos por objetivo refletir sobre a feminilidade da mulher cigana, bem como suas imbricações na desigualdade de gêneros na cultura cigana. Objetivamos ainda, analisar o papel da mulher na dança Cigana, meio expressivo da cultura e das manifestações sagradas dos Ciganos. A pesquisa nos levou a concluir que a mulher sempre esteve associada as danças sagradas e a feminilidade da mulher cigana possui uma forte conexão com a dança. É necessário que façamos reflexões e ações positivas na tentativa de minimizar os estereótipos que envolvem o povo cigano, e que apresentam a mulher desta cultura como apenas alguém que lê a mão, que dança de forma sedutora e com olhares de mistério.

Palavras-chave: Ciganos, Dança, Feminilidade, Gênero, Sagrado.

Introdução

Quando falamos em indivíduos de uma mesma sociedade, nos deparamos com questões relacionadas ao gênero, ou seja, as relações de poder entre homens e mulheres resultantes de uma construção social do papel desempenhado por ambos a partir de suas diferenças. Evidenciamos estas nítidas diferenças de gênero entre os ciganos, em especial a mulher cigana.

Sabemos que a sociedade deprecia mulheres que se afastam do padrão adotado e estereotipado do que é ser uma “mulher de verdade”, tornando-se complicado para estas mulheres romperem com normas vigentes relacionadas ao comportamento de homens e mulheres. Se lutar pelo reconhecimento da mulher como sujeito da história e pelos seus direitos tem sido uma luta árdua, para as ciganas sem apoio, essa luta ainda é mais delicada.

A problemática da pesquisa propõe refletir sobre como se configura a feminilidade da mulher na cultura cigana e qual sua relação com a dança sagrada dos rituais ciganos. Outra questão levantada é que a dança cigana não se resume a mera execução de movimentos, entretanto porque

podemos afirmar que a dança cigana pode ser considerada expressão da cultura e do sagrado, levando-se em consideração a identidade corporal, do ponto de vista da antropologia?

Tal problema nos leva a refletir algumas hipóteses. A plasticidade corporal se compõe em virtude da organização sensorial da cultura cigana, que modela as percepções sensoriais de seus indivíduos. O sentimento de pertencer ao grupo dignifica as relações entre indivíduo e sociedade, assim como os deixa fortificados na fé e inclinados ao amor a sua divindade.

As danças sagradas sempre estiveram associadas a mulher, quer estas fossem sacerdotisas, quer fossem deusas. As ciganas além de estarem intimamente ligadas a dança também possuem o poder da quiromancia, principal oráculo desta cultura. A mulher cigana sofre imposições e sujeições em clãs patriarcais, além disso por causa da construção de um modelo arraigado, construído e estruturado no desenvolvimento sexual que tanto tem prejudicado as mulheres, a mulher cigana é vista com olhares discriminatórios por parte da sociedade não cigana, comprovando desequilíbrio entre culturas, marca resultantes da modernidade.

O trabalho justifica-se por entendermos que o estudo sobre as percepções na dança cigana pode trazer contribuições relevantes para pensarmos o corpo como lugar de produção de conhecimento, bem como refletir sobre o significado mítico presente na simbologia da tradição dessa cultura. O presente trabalho se justifica ainda por haver pouco material bibliográfico acadêmico que trate sobre o papel da mulher em clãs matriarcais e patriarcais existentes nesta cultura. Por tudo isso, este trabalho aponta possibilidades para se refletir sobre a importância da mulher no exercício de sua feminilidade na dança cigana.

A presente pesquisa tem por objetivo refletir sobre a feminilidade da mulher na cultura cigana, bem como suas imbricações na desigualdade de gêneros na cultura cigana. Objetivamos ainda, analisar o papel da mulher na dança Cigana, meio expressivo da cultura e das manifestações sagradas dos Ciganos.

Metodologia

Como metodologia, partimos da pesquisa bibliográfica para confrontar autores que pesquisam a identidade, contemporaneidade e corpo. Analisamos, no presente trabalho o aporte teórico de autores importantes da Antropologia das emoções para a sustentação teórica da pesquisa em questão. Os autores utilizados foram David Le Breton, Émile Durkheim, Georg Simmel, Margareth Mead e Gilberto Velho. Verificamos que todos eles expunham conceitos e reflexões que proporcionam conexão com particularidades da cultura cigana.

Após a pesquisa bibliográfica, procederemos a pesquisa de campo em visita a acampamentos temporários de ciganos na cidade, para obtermos mais familiaridade com o problema. A pesquisa também se estende aos ciganos da umbanda, cujo grupo escolhido a ser pesquisado foi o acampamento Devlesa Avilan, que significa “Deus quem te trouxe”.

Analizamos sistematicamente e observamos os rituais ciganos presentes no acampamento pesquisado mediante visitas aos ciganos umbandistas em suas masinas (reuniões festivas) na cidade de Teresina, bem como o uso de registros fotográfico. Também entrevistamos os ciganos do local intencionando descobrir como estes conseguem manter sua identidade religiosa viva fazendo com que seus rituais se mantenham vivos dentro da Umbanda. Verificamos ainda como são encarados pela comunidade circundante. Ainda faremos constantes visitas no acampamento cigano Devlesa Avilan com aplicação de questionário. Sistematizamos, em seguida, todos os dados coletados.

Resultados e Discussão

Para analisarmos a dança cigana precisamos compreender as percepções sentidas pelos ciganos no ato da dança. Ao tratar da Antropologia dos sentidos, de David Le Breton, indica que nós tomamos consciência de si por meio do sentir, experimentamos nossa existência através das ressonâncias sensoriais e perceptivas.

O indivíduo participa do vínculo social não só através das palavras, mas também da gestualidade. Os ciganos encaram a gestualidade como meio relevante em sua comunicação ritual sagrada. Toda a sua plasticidade corporal está inserida na sua própria organização sensorial. Para o povo cigano as danças são essenciais. É através dela que entram em comunhão com a natureza e expressam pelo corpo seus sentimentos, suas memórias e sua identidade. Certamente, a dança é a melhor forma de expressão da cultura e magia desse povo encantador. Segundo Le Breton:

“A antropologia dos sentidos repousa sobre a ideia de que as percepções sensoriais não dependem somente de uma fisiologia, mas em primeiro lugar de uma orientação cultural deixando uma margem à sensibilidade individual. As percepções sensoriais formam o prisma de significações sobre o mundo, mas elas são modeladas pela educação e utilizadas segundo a história pessoal. Numa mesma comunidade elas variam de um indivíduo ao outro, mas basicamente se acordam sobre o essencial”. (LE BRETON, 2016, p.14)

Le Breton deixa claro a emergência de significações relevantemente sociais e mais abrangentes que vão além das significações pessoais. Neste sentido, podemos refletir que a cultura cigana modela as percepções sensoriais de seus indivíduos e que suas significações pessoais

relacionam-se com o sentimento de pertença ao grupo, e portanto, seus desdobramentos dos sentidos pertencem à configuração de sua simbólica social.

A percepção é a interpretação que fazemos das coisas. Como já mencionado, a percepção acontecerá de acordo com a sociedade em que se está inserido, pois os homens habitam universos sensoriais diferentes. Esta sensibilidade percebida se dará de diferentes maneiras nas sociedades. Para exemplificarmos, um leque é um objeto que para a maioria das pessoas tem a função de abano, mas para uma cigana o leque é a extensão de seu corpo na dança. Um mesmo objeto terá diferentes percepções de acordo com a definição do grupo social em que se encontra, pois de acordo com Le Breton, cada sociedade desenha uma organização sensorial própria. Cada sociedade elabora seu modelo sensorial.

Os ciganos ao dançarem mantêm um contato no olhar mais intenso e profundo, que para um gadjé, não cigano, pode parecer um olhar desconcertante, perturbador. O cigano tem um olhar centrado, desafiador, como se estivesse lendo nossos pensamentos. Todos eles possuem essa peculiaridade que consiste numa expressão de fitar o olhar fixamente no outro. Para um olhar não habituado parecerá estranho, mas o etnógrafo deve de certa forma, aculturar-se para poder se permitir experienciar estas novas percepções culturais.

Sentir o mundo é pensá-lo de outra maneira, transformá-lo de sensível a inteligível, portanto, a percepção é um poder simbólico do mundo, o homem adquire o poder de decifrar para compreender. O sentido está na relação instaurada entre o homem e as coisas, inscrito em uma trama social. Percepção não é a realidade das coisas, mas a maneira de senti-las.

Segundo Durkheim (1996), nossas sensações olfativas, gustativas e visuais não deixam de corresponder a determinados estados objetivos das coisas representadas. Estas coisas representadas traduzem o que Durkheim disse sobre o meio social que aparece povoado de forças que só existem no espírito. Assim como consagra o homem, a sociedade também consagra as coisas. Para exemplificar Durkheim fala que a bandeira para um soldado não é um mero pedaço de pano. Isso nos faz lembrar a importância simbólica da bandeira cigana. A bandeira foi instituída como símbolo internacional dos ciganos em 1971. A bandeira cigana funciona como um “emblema” citado por Durkheim. O autor diz que o emblema serve para constituir o sentimento que a sociedade tem de si mesma, e o próprio emblema funciona como elemento constitutivo.

Imagem: Bandeira Cigana



Fonte: <https://aminhafe.jimdo.com/bandeira-cigana/>

A bandeira cigana é constituída por partes. Voltando ao exemplo citado por Durkheim (1996), para o soldado, “um simples fragmento da bandeira representa a pátria como a bandeira toda. Para ele é sagrado pela mesma razão e no mesmo grau”. As partes lembram o todo, da mesma forma evoca sentimentos por ele evocados. Observamos na bandeira cigana o emprego de simbologias emblemáticas presentes em suas partes. Para os ciganos, a roda vermelha no centro da bandeira, simboliza a vida, associada a cor vermelha e o eterno caminho a ser trilhado, a cor azul está associada aos valores espirituais, a paz e a liberdade, sentimento mais pregado pelos ciganos. A cor verde representa a natureza e o sentimento de gratidão e respeito pela terra, para o cigano, retiramos suprimentos da terra e por isso temos a obrigação de respeitá-la.

Durkheim (1996), explica que a importância dos símbolos reside em considerar os sentimentos sociais, que não poderiam existir consistentemente sem a presença dos símbolos. Um clã cigano é a reunião de indivíduos que possuem um mesmo nome de etnia, como Kalóns, Kalderash, Sinti, Roma, dentre outros, existindo uma diversidade de identidades ciganas no Brasil, entretanto a existência de vários clãs não desconfigura os aspectos peculiares de sua cultural. A bandeira seria um símbolo de união desses vários clãs, dessas diversas identidades.

Uma cultura determina as significações e valores de um universo sensorial repleto de possibilidades do tátil e o intocável, do visível e o invisível, dos sabores e das sensaborias, do olfato e o inodoro. Estas sensações são percebidas no interior do corpo e se torna comunicável aos outros, também imersos no mesmo sistema de referências sociais e culturais. A dança para os ciganos não tem o mesmo valor que para nós. Costumamos apreciar uma apresentação de dança cigana como

mero espetáculo de exímia beleza estética. Nossas percepções se limitam a observação dos movimentos como um todo.

Para os ciganos, a dança faz parte de um conjunto de manifestações rituais expressos ao sagrado. A dança para os ciganos nasce das sensações percebidas individualmente, onde cada um possui um ritmo individual, cada movimento gestual possui um significado próprio e a partir daí é “exteriorizado” ao grupo, e estes possuindo um repertório de gestualidades cultural e social estabelecerá a comunicação adequada destas percepções gestuais, sincronizando vários seres em um mesmo ritmo.

“Os sentidos espirituais são associados à alma, eles se inscrevem na metafísica aberta por uma fé profunda, levando a perceber com os órgãos espirituais a marca da presença de Deus da qual a sensorialidade profana não saberia prestar contas. Os sentidos espirituais não habitam permanentemente o fiel, eles às vezes intervêm através de instituições fulgurantes que dão acesso a uma realidade sobrenatural marcada pela presença de Deus”. (LE BRETON, 2016, p.17)

Le Breton (2016) cita um outro tipo de sentido, o espiritual, que estão interligados à profundidade da fé. Embora o autor tenha referenciado sobre a fé cristã em Deus podemos associar a percepção espiritual dos ciganos a Santa Sara Kali, como a dimensão corporal que penetra universos sem comum se medida aos outros sentidos. Sara Kali, é a padroeira dos ciganos e por causa de sua fé, eles caminham em longas peregrinações, a slava ao ritual de Santa Sara Kali em Saints Maries de la Mer, uma pequena cidade do litoral sul da França. Os ciganos provêm, de diversas procedências, da Espanha, da Itália, do Brasil, Inglaterra, França, África, de várias regiões do mundo, com a permissão da prefeitura local, adentram as ruas armando fogueiras, dançando tocando e cantando suas músicas em clima de festa em louvor de Santa Sara Kali.

“Mas um deus não é unicamente uma autoridade de que dependemos; é também uma força sobre a qual se apoia a nossa força. O homem que obedeceu ao seu deus e que, por essa razão, acredita tê-lo consigo, enfrenta o mundo com confiança e com o sentimento de energia fortificada”. (DURKHEIM, 1996, p.263-264)

Durkheim (1996) traduz em suas palavras um sentimento que podemos associar com a energia que move os povos ciganos a dedicarem-se inexoravelmente a sua trajetória dirigindo-se a slava. Cultuar Santa Sara Kali os tornam mais fortificados na fé como sentimento coletivo, de pertença a uma abrangência de indivíduos que participam da mesma vida moral.

Este proceder na vida coletiva dos ciganos nos faz pensar que além do sentimento de pertença, existe o que Simmel (2006) apontou como amor à religião. Para Simmel, o amor é uma das grandes categorias que dá forma ao existente. A vida religiosa inclina o fiel ao amor, claro que em graus diferentes e em suas diversas formas e contextos.

A mulher sempre esteve associada as danças sagradas. Em vários países do mundo antigo encontramos símbolos sagrados representando mulheres como dançarinas, tocadoras de instrumentos musicais e cantoras. Encontramos tais figuras presentes em relevos, entalhes em paredes, em esculturas e estatuetas, pinturas, papiros, peças de cerâmica, sistros e outros artefatos. Na Grécia, por exemplo, encontramos um dos mais antigos registros em pintura de uma caverna da Era do Gelo, na qual o cenário mostra a deusa arcaica, Beócia, erguida no centro do círculo de mulheres que executam uma dança ritual de regeneração. Algo semelhante encontra-se numa caverna com detalhes do paleolítico superior, em Cogus, na Catalunha, Espanha, onde as imagens mostram nove mulheres executando a dança do círculo celestial, chamada de dança das Horas.

Ao longo do tempo, as culturas sofrem mudanças, se apropriando de outras culturas e revestem memórias perdidas no tempo com mitologia, de modo que nem sempre se traça uma linha claramente exata entre as mulheres que foram genuinamente divinizadas e aquelas que eram divindades imaginárias. As Mênades que eram mulheres que dançavam freneticamente em seus rituais e orgias e ficaram na história da mitologia Grega que assim como as Amazonas podem ter sido autênticas, diferentemente das Fúrias, divindades femininas que possuíam asas de morcego e cabelos de serpente, eram conhecidas por serem vingadoras dos crimes, na mitologia Grega e Romana, provável fruto do imaginário destas culturas.

Segundo Stewart (2016), nas culturas antigas, a principal forma de se cultuar a Deusa era através da dança. Em alguns casos, além de sua função primordial de protetora da vida, a própria deusa era uma dançarina que dançava nas celebrações dos ciclos da vida. Na história das mitologias encontramos inúmeras deusas com estas características, como Cibele, Deméter, Eurínome, Parvati, Bastet, dentre outras. As sacerdotisas dançavam danças sagradas e por meio delas, sabemos que as mulheres tinham seus próprios rituais, com símbolos e liturgias específicos, separados dos homens.

Refletindo sobre o gênero dos povos ciganos, Mead (2000) discursa que o temperamento não está ligado ao sexo, mas é condicionado pela cultura. Quando ela analisou as três sociedades nativas, Tchambuli, Arapesh e Mundugumor, chegou à conclusão que o comportamento é socialmente construído. Isto explicaria porque os ciganos, com sua diversidade de identidades, possuem clãs administrados por uma matriarca, existem clãs matriarcais, onde a mulher é

intensamente respeitada, delegando mais direitos as mulheres socialmente, podendo trocar de maridos, por exemplo, mas existem outras comunidades ciganas com organização patriarcal, em que a mulher é digna de respeito e admiração, porém desprovida de autoridade diante do homem. As mulheres sofrem uma vastidão de imposições, como ter que casar-se virgem, mas são as detentoras do maior bem, motivo de orgulho dos ciganos - a magia divinatória. Essas diferenças ilustram bem que tais comportamentos femininos divergentes dentro dos clãs, são instaurados socialmente.

A educação é outra questão complicada para a mulher cigana. Há grandes diferenças para os grupos ciganos itinerantes e as comunidades que fixaram residência. A cigana nômade sofre mais dificuldades de acesso à educação e aos serviços de saúde. Apesar das leis assegurarem o acesso ao ensino, a própria assiduidade tem impedimentos devido a sua condição de ter que mudar de cidade constantemente e ter que cuidar dos filhos que chegam logo em sua juventude, pois as ciganas casam muito cedo. Contudo, algumas ciganas se encontram com formação universitária, mas em alguns casos a continuação dos estudos se deu a um preço alto equivalendo o rompimento com a família.

Observamos que as entidades ciganas que incorporam no acampamento umbandista Devlesa Avilan pertencem a um clã patriarcal e isso evidencia-se na forma como as mulheres comportam-se. Quando um homem incorporado precisa de alguma beberagem, acessório ou outra coisa como um cigarro, uma taça, não é ele que vai pega-lo, mas sim uma mulher. Isto fica implícito não em forma de um pedido, mas uma ordem. No clã as mulheres estão sempre levando objetos e utensílios aos homens.

Durkheim, anteriormente citado, chama atenção que fazer parte de uma religião numa sociedade implica seguir regras de comportamento e de pensamento. Porque o indivíduo pertencente acredita que é obrigado a agir de determinadas maneiras por serem impostas pela natureza do princípio sagrado ao qual se relaciona. Mas esta submissão não é investida como por necessidade de ceder, mas porque constitui objeto de autêntico respeito. Isso nos leva a outra categoria, os ciganos da umbanda.

Os ciganos da umbanda são entidades que incorporam a médiuns, são espíritos de antigos ciganos que foram ciganos de estrada quando em vida. Os ciganos na Umbanda são espíritos de homens e mulheres que pertenceram ao povo cigano, que voltam por incorporações em médiuns. Alguns destes “ciganos de luz” eram patriarcas de seus clãs, de modo que numa reunião de ciganos umbandistas fica evidente a submissão das mulheres. Entretanto observa-se que elas obedecem

subalternamente a realizarem determinadas tarefas em respeito a entidade espiritual, pois segundo Durkheim (1996), o respeito é a emoção que experimentamos quando sentimos essa pressão interior e espiritual produzir-se em nós mesmos.

A umbanda pode ser classificada como uma religião de inclusão social e respeito as diferenças. Trabalha com as linhas que se formaram a partir de arquétipos daqueles que são historicamente excluídos, como os ciganos, que sempre estiveram à margem da sociedade, sempre qualificados com os piores adjetivos. Neste sentido, o marginalizado passa por uma ressignificação de valores dentro da umbanda. A própria umbanda ainda é vista com preconceito. Excluída em muitas situações em que outras religiões se destacam no cenário político. Sobre isso Gilberto Velho faz um comentário interessante:

“A complexidade e a heterogeneidade da sociedade moderno-contemporânea tem como uma de suas características principais, justamente, a existência e a percepção de diferentes visões de mundo e estilos de vida. Uma das questões mais interessantes e polêmicas é verificar até que ponto a participação em um estilo de vida e em uma visão de mundo, com algum grau de especificidade implica uma adesão que seja significativa para a demarcação de fronteiras e elaboração de identidades sociais”. (VELHO, 2013, p.62)

O que Gilberto Velho (2013) nos conduz a refletir é que uma das características da atual sociedade é a coexistência de diferentes estilos de vida e visões de mundo. Grupos coletivos e bem organizados sustentados em crenças e valores compartilhados, como a Umbanda da linha cigana, continuam atuando sobre uma sociedade que os veem com indiferença, desenvolvendo uma capa protetora contra uma ameaça de fragmentação da sociedade, como destruidores da harmonia social. Este desequilíbrio entre as culturas é uma marca da modernidade.

Considerações Finais

Diante dessas considerações, concluímos que a sociedade cigana não se resume a um mero povoado de pessoas com suas maneiras e vestuários exóticos, mas que constituem-se de povos com costumes e características culturais bastante peculiares e que provavelmente muitas dessas particularidades tenham origem na Índia. Quer sejam ciganos de estrada, quer ciganos da umbanda, estes povos mantêm suas identidades atuantes apesar de atitudes discriminatórias em relação as diferenças culturais e isto inclui também uma percepção negativa em relação as religiões afro-brasileiras, como a umbanda.

Se a vida dos ciganos tem complicações devido a visões discriminatórias no Brasil, logo, imaginemos a vida das ciganas. O fato de pertencerem ao sexo feminino e ao gênero mulher dificultou a estas de se desenvolverem em sua plenitude pelos mesmos motivos que todas mulheres tiveram no passado. Ademais, as ciganas ainda carregam os velhos chavões estereotipados de mulheres vagabundas, feiticeiras trapaceiras, falsas, ladras, entre outros, dados a elas pela sociedade não-cigana. Observamos que há a necessidade de buscar fontes no intuito de historicizar as mulheres ciganas no Brasil e suas relações de pertencimento em suas sociedades e com a sociedade brasileira em que convivem.

A dança, é certamente, a forma mais expressiva da cultura cigana, tornando estes povos mais misteriosos e encantadores. Para eles, a dança faz parte dos rituais sagrados, e pertence ao universo sensorial de sua cultura. A memória ancestral é restaurada quando se estabelece a conexão dos movimentos da dança sagrada. Seguramente, a dança cigana é a expressão relevante da manifestação cultural dos ciganos e está intrinsecamente associada ao sagrado destes povos, pois suas percepções espirituais correspondem a linguagem artística de sua dança. A bandeira, a fogueira, as cores, os cristais, perfumes e ervas estão envoltos em simbolismos e alguns como a bandeira chegam a ser emblemáticos por reforçar o entusiasmo que sente por sua cultura.

Além das percepções sensitivas na dança, há a percepção espiritual por meio do culto a Santa Sara Kali, ao qual os ciganos dedicam respeito movido pela fé como sentimento coletivo. A fé vivifica o sentimento de pertença, mas justifica também o amor ao divino. Esta fé é perceptível em todos os clãs ciganos, sejam ciganos nômades, de organização matriarcal ou patriarcal, quer sejam os ciganos umbandistas.

O Brasil possui uma grande diversidade de povos, existindo uma vasta população cigana em seu território e também um crescente aumento de pessoas que aderem as religiões de matriz africana, por esta razão, se faz necessário entender aspectos relevantes desses povos para compreendermos suas configurações perceptivas sobre o mundo. O universo cigano se expõe com suas muitas facetas, onde tradição e modernidade parecem estar em conflitos constantes. Apesar de tudo isto, os ciganos seguem trilhando seus caminhos e encarando desafios, estes andarilhos do tempo percorrem lutando por respeito aos seus costumes. Se suas tradições permanecerão dentro de suas comunidades, é algo que só o tempo responderá.

Referências Bibliográficas

DURKHEIM, É. **As formas elementares da vida religiosa – o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LE BRETON, D. **Antropologia dos Sentidos**. Trad. Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2016.

MEAD, M. “A implicação desses resultados”. **In Sexo e Temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

SABINO, J; LODY, R. **Danças de matriz Africana – Antropologia do Movimento**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

SIMMEL, G. **Filosofia do Amor**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

STEWART, I. J. **A dança do sagrado feminino: da dança, o despertar espiritual da mulher através da dança, dos movimentos e dos rituais**. São Paulo: Pensamento, 2016.

VELHO, G. “Memória, Identidade e projeto”. **In VIANNA, H, et al (orgs.) VELHO, G. Um Antropólogo na cidade – ensaios de antropologia urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.